

# Considerações sôbre a região do Rio de Janeiro \*

LYSIA M. C. BERNARDES

**A** região do Rio de Janeiro apresenta, ao mesmo tempo, características de uma região tradicional, criada pelas relações seculares entre o pôrto-capital e sua hinterlândia e características de uma região dinâmica, integrada no Sudeste Brasileiro, a macrorregião em que se situa a *core-area* do Brasil.

## I — Uma região tradicional

A expressão região tradicional aplicada com relação a um país nôvo e subdesenvolvido traduz, antes de mais nada, a idéia de uma cidade-pôrto, a qual, comandando o escoamento da produção regional, que exporta para mercados remotos, serve como intermediário único e direto entre a sua hinterlândia e o mundo exterior. Contudo, a região do Rio de Janeiro, já de longa data, é muito mais do que uma simples região de especulação.

1. A drenagem das riquezas regionais, sem dúvida, foi um dos elementos em função dos quais se forjou a região de influência do Rio de Janeiro, como ocorreu com, praticamente, tôdas as metrópoles regionais brasileiras.

À primitiva zona canavieira do litoral fluminense, a primeira hinterlândia do pôrto do Rio de Janeiro (com sua retaguarda de pecuária extensiva nos campos do baixo Paraíba), somaram-se no século XVIII as Minas Gerais e tôda a extensa faixa periférica às mesmas. A partir do século XIX, acompanhando a expansão cafeeira e o deslocamento da fronteira agrícola, a partir do vale do Paraíba, através da zona da Mata

\* Trabalho apresentado ao Seminário Internacional sôbre Regionalização do Espaço no Brasil, realizado em Bordeaux, 1958.

de Minas, o vale do Rio Doce, o norte fluminense e o Espírito Santo, a função do Rio de Janeiro como centro coletor e exportador da produção regional se ampliou progressivamente.

2. Não foi apenas na drenagem da produção e sua exportação que se apoiou a influência do Rio de Janeiro sobre o espaço regional. É verdade que para o povoamento inicial das Minas e das áreas de pecuária circundantes, a cidade litorânea não desempenhou senão um papel secundário. Contudo, para as zonas canavieiras da Baixada da Guanabara e da Baixada Campista, como, mais tarde, para toda a extensa faixa cafeeira da encosta do planalto, o Rio foi o ponto de partida e a base do povoamento. Isso porque, como os centros litorâneos de outras regiões brasileiras nos quais se apoiou a colonização, o Rio desempenhou o papel de comandar diretamente a ocupação inicial da maior parte de sua futura região.

Esse papel da cidade, precedendo e forjando a ocupação de sua futura área de dominância, tem que ser lembrado quando se procura analisar as relações que ela mantém ainda hoje com a região. E não se pode deixar de considerar qual a época e em que condições se processou tal povoamento. A antiguidade da função do Rio de Janeiro como ponto de apoio para a ocupação cafeeira de toda uma vasta área do Brasil Sudeste é, sem dúvida, um dos elementos importantes na explicação das características atuais da região. Basta lembrar que a maior parte da área em questão foi ocupada ainda no período da escravidão e que o seu declínio, em consequência do esgotamento dos cafés, se iniciou antes da expansão industrial no Brasil Sudeste.

Ao salientar o papel do Rio de Janeiro como foco da expansão do povoamento em ampla faixa florestal que permanecera intocada até o século XIX, não se pode esquecer que, dos povoadores aí instalados, muitos eram mineiros que refluíram para o vale do Paraíba ou a zona da Mata. Aí eles se tornariam fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais e, até mesmo, industriais. Mas ainda nesses casos, era o Rio de Janeiro o centro sobre o qual se apoiariam em todas as suas atividades.<sup>1</sup> De fato, fornecendo muitos dos primeiros povoadores e a grande maioria dos escravos que iam fundar as fazendas, fornecendo aos fazendeiros, como aos moradores dos numerosos núcleos urbanos aí nascidos, todos os bens de que necessitavam e os serviços dos quais dependiam e, inclusive, financiando, em muitos casos, suas atividades, o Rio se assegurou o domínio da região em foco. Esse domínio se traduziu também pela abertura das vias de circulação, algumas estradas carroçáveis e, logo a seguir, as vias férreas, que seriam os vínculos dos quais dependeria a permanência dessas relações.

Uma densa rede de circulação ferroviária foi, assim, constituída para servir às áreas cafeeiras e veio reforçar os laços de dependência de toda a área para com a metrópole carioca, como ocorreria, igualmente, com S. Paulo em relação à sua região. O sistema ferroviário não obedeceu, contudo, a um plano de conjunto emanado da grande cidade. Muito pelo contrário, ele resultou da justaposição de grande número de iniciativas locais, o que originou grave prejuízo para o bom funcionamento dessa rede ferroviária como um todo.

A rede ferroviária não serviu apenas para a manutenção dos vínculos das antigas áreas cafeeiras com o Rio. Ela seria também prolongada, em algumas direções (o Norte e o Oeste de Minas e a zona de Diaman-

1 Essa primeira função de base de operações para a ocupação do território nem sempre é devidamente valorizada. A leitura do livro de Stanley Stein sobre uma área cafeeira tradicional da região do Rio de Janeiro esclarece sobre a importância dessa função. Stanley Stein, *Grandeza e Decadência do Café no Vale do Paraíba*.

tina), com o sentido de autêntica via de penetração, que buscava alcançar setores remotos da região, de ocupação tradicional baseada na atividade mineradora ou pastoril. Ainda nesse caso ela exerceu um papel importante na manutenção e no reforçamento dos vínculos de dependência dessas áreas mais remotas em relação à metrópole carioca.

3. Um outro tipo de relação entre a grande cidade e sua hinterlândia iria se apoiar nessa rede de circulação, criada em função da riqueza cafeeira e, no caso das vias de penetração, no interesse de assegurar a ligação da capital do país com os setores periféricos da sua área de influência. Mais do que como pôrto escoador das riquezas regionais, o Rio de Janeiro influiria na construção do espaço regional como um grande mercado consumidor, cujas necessidades crescentes atuaram diretamente nas formas de ocupação que vieram a caracterizar a região.

Ao se iniciar o século XIX o Sul de Minas Gerais já se organizara em função do abastecimento do mercado carioca, ao qual se destinavam sua criação de bovinos e suínos, como sua produção de queijos, de toucinho, de fumo, etc.

Mais tarde, o crescimento do mercado carioca ditou as novas formas de ocupação do território, à medida que foi progredindo o esgotamento das áreas cafeeiras. O fornecimento de leite e derivados à grande metrópole veio a ser o denominador comum de tôdas as antigas áreas cafeeiras da região do Rio de Janeiro, o empobrecimento dos solos e a topografia enérgica dos morros também tendo contribuído para o domínio dessa atividade e seu caráter extensivo. Com efeito, somente algumas áreas da região abrigam uma atividade agrícola, mas esta se volta, em boa parte, para o mercado mineiro como é o caso da produção açucareira e da cultura de fumo, circunscrita a alguns municípios da zona da Mata. Já a pequena lavoura de cereais e feijão, embora em parte vise os mercados locais, se destina, também, ao Rio de Janeiro, ainda que sofrendo a concorrência de outras áreas produtoras, distantes, mas mais novas e dinâmicas.<sup>2</sup>

Também para o seu abastecimento em carne o Rio de Janeiro atuou diretamente na organização do espaço regional. Uma pecuária extensiva fôra estabelecida nas pastagens naturais do vale do São Francisco e áreas adjacentes desde o tempo da mineração, voltada para o abastecimento dos centros mineradores e, secundariamente, para a Bahia. Essa mesma área passaria mais tarde a engrossar o abastecimento do mercado carioca em expansão. Foi, no entanto, pela abertura de terras florestais para a criação e a engorda de bovinos, que o Rio de Janeiro, já neste século, veio a atuar mais diretamente na elaboração do espaço regional periférico. Criaram-se amplas áreas de pecuária de corte no nordeste e no norte de Minas Gerais, voltadas para o mercado carioca e, em função dessa atividade dominante, se estruturou tôda a vida regional de amplos setores da região. Mais recentemente, com a expansão do mercado e as facilidades da circulação rodoviária, uma nova área de engorda de gado se criou na zona do vale do Rio Doce, também voltada para o Rio de Janeiro, enquanto que o norte de Minas Gerais passou a girar na órbita de Belo Horizonte.

4. O Rio de Janeiro também atuou na elaboração de sua região através da criação de uma atividade industrial. Essa atuação foi, no

---

2 Graças, inicialmente, às facilidades do transporte marítimo, o mercado do Rio de Janeiro originou um importante fluxo interregional para seu abastecimento em produtos alimentícios (arroz, feijão, milho, banha, etc...), favorecendo áreas remotas como o Rio Grande do Sul, que passaram a concorrer com as áreas produtoras da zona da Mata. Hoje as condições do transporte são outras, mas a dispersão das áreas de abastecimento alimentar se mantém e se alarga.

entanto, limitada, o que se explica pelo fato de que, à época em que se registrou, quando o Rio era o principal mercado consumidor do país e principal foco de implantação industrial, era ainda incipiente o processo de industrialização no Brasil.

O último quartel do século XIX assistira à ruína total das velhas plantações de açúcar da região do Rio de Janeiro, com exceção da zona de Campos, no baixo Paraíba. E por essa mesma época teve início a decadência das mais antigas áreas cafeeiras, que a abolição da escravidão veio acelerar. Iniciou-se desde então um movimento de refluxo de população daquelas áreas para a grande cidade, que atraía, simultaneamente, fazendeiros e ex-escravos. E esse êxodo de fluminenses, mineiros e mais tarde capixabas, se ampliaria mais e mais à medida que os cafêzais fossem dando lugar aos pastos e que no Rio de Janeiro fôsem se desenvolvendo novas atividades.

A mesma região que o Rio de Janeiro povoara passou a ser a principal fonte de migrantes que refluíram para a cidade em busca de novas oportunidades: oportunidades que para uns representavam simplesmente um emprêgo, mas que para outros se traduziam em aplicação de capitais que, dessa forma, passaram a ser drenados para a metrópole. A essa época já se havia processado uma expressiva acumulação de capitais no Rio de Janeiro, sobretudo pela atuação dos comissários de café que se incumbiam não apenas da exportação do produto mas, igualmente, das importações destinadas à sua clientela, da compra de escravos e, com freqüência, do financiamento da produção.

Em estreita ligação com a ampliação desse mercado consumidor que, favorecido pela expansão ferroviária e pela dilatação da fronteira agrícola, também se ampliava como centro distribuidor de mercadorias. Inicia-se, a partir dessa época, a implantação de indústrias, seja na própria capital, seja nos centros mais prósperos de sua área de influência.

Multiplicam-se, no fim do século XIX, no Estado do Rio de Janeiro como na zona da Mata de Minas Gerais, os grandes estabelecimentos têxteis, seguidos aqui e ali de outras indústrias, principalmente do gênero dos produtos alimentares. Se a iniciativa desses empreendimentos, à exceção de Petrópolis, foi sempre de caráter local, era a proximidade do mercado carioca que os fazia florescer. Dos centros industriais que datam dessa época, aquêles que mais facilmente se comunicavam com a metrópole, Petrópolis e Juiz de Fora, foram os que mais progrediram e se diversificaram. Por outro lado, as primeiras iniciativas que resultaram na implantação da indústria siderúrgica na região central de Minas Gerais, a partir da década de 1920, também se apoiaram diretamente no Rio de Janeiro. Esta metrópole era a sede da maioria das emprêsas siderúrgicas e também o principal centro de comercialização e segunda transformação de sua produção.<sup>3</sup>

5. Dessa forma se estruturou em tórno da metrópole do Rio de Janeiro uma vasta região, com base, essencialmente, na produção de bens que se destinavam ao consumo da metrópole ou à redistribuição pela mesma. Trata-se, antes de tudo, de uma região de produção, contendo setores especializados, todos êles dependendo originariamente do mercado carioca, ao qual se ligavam através da atuação de centros regionais de diferentes níveis, graças a uma rede viária razoavelmente equipada.

Em seu número, sua categoria, como em sua distribuição espacial e no tipo de função desempenhada, êsses centros regionais foram con-

3 Cite-se o exemplo da Cia. Brasileira de Usinas Metalúrgicas com altos-fornos em Barão de Cocais, em Minas, e um segundo estabelecimento em Neves, na aglomeração metropolitana.

dicionados pela posição relativa que apresentam em relação à metrópole carioca e às demais cidades de categoria hierárquica superior (São Paulo e Belo Horizonte), também situadas no Sudeste Brasileiro. Mas eles também refletem a maior ou menor densidade da ocupação, traduzida, igualmente, pela trama das vias de circulação e a intensidade da vida de relações de que participam.

Os centros regionais exibem, portanto, uma distribuição espacial extremamente irregular no que refletem a diversidade dos quadros regionais e o caráter tradicional da região de que fazem parte. Por outro lado, exprimem um processo de transformação na vida de relações que está em consonância com a dinâmica regional atual, desencadeada com o processo de industrialização de alguns setores do Sudeste brasileiro, particularmente de São Paulo.

## II — Uma região tradicional em transformação

A região do Rio de Janeiro ainda que se mantenha em sua estrutura como uma região tradicional, vem participando das transformações recentes que afetaram todo o Sudeste Brasileiro, seja em consequência do intenso processo de urbanização que se faz sentir em todo o país, particularmente nessa região, seja em consequência da expansão dos transportes rodoviários ou do processo de industrialização que, embora concentre seus efeitos particularmente em São Paulo, vem agindo, de forma decisiva, na reestruturação da vida regional.

1. Uma primeira tendência a assinalar diz respeito à acentuação da força direta da metrópole nas áreas mais próximas à mesma. Essa acentuação da força metropolitana se traduz, antes de mais nada, pela expansão rápida das áreas abrangidas pela aglomeração e a incorporação de novos municípios à sua área metropolitana. A integração cada dia maior à vida da aglomeração das áreas periféricas da Baixada Fluminense (Itaguaí e Maricá, por exemplo) e mesmo da zona serrana vizinha tem levado à progressiva ampliação da área metropolitana.<sup>4</sup> Em toda essa ampla área se fazem sentir diretamente os influxos vindos da metrópole, na atração da população, na criação de estabelecimentos industriais (muitas vezes transferidos da Guanabara), como na distribuição direta de bens e serviços. Essa ampliação da força da metrópole nas áreas imediatas se faz sentir, também, fora dos limites da área metropolitana. Facilitada pela expansão dos transportes rodoviários, em particular das linhas de ônibus, acentua-se a dependência do comércio varejista do Rio de Janeiro em toda a faixa litorânea fluminense em boa parte do vale do Paraíba e na própria zona da Mata, cabendo a Niterói a atuação no litoral a leste da Guanabara.

Acentua-se, também, a força da metrópole na modificação da organização da vida regional com a dilatação da área procurada para atividades ligadas ao lazer. Tal área hoje se estende de Angra dos Reis a Macaé e, pela zona serrana e o vale do Paraíba, alcança a zona da Mantiqueira. Essa nova função, valorizando os terrenos, provocando o abandono de atividades agrícolas tradicionais, exigindo uma expansão das atividades de serviços, vem transformando consideravelmente toda a extensa área que alcança, área esta delimitada, aproximadamente, pela isócrona de 2:30 a 3:00 horas do núcleo metropolitano.

A acentuação da força da metrópole nas áreas circundantes também se exprime por uma expansão da atividade industrial na região a partir

4 A cidade de Petrópolis, que os geógrafos têm considerado como um centro satélite exterior à área metropolitana, foi nela incluída no estudo realizado por Doxiadis Inc. para o planejamento do Estado da Guanabara.

da própria metrópole. Sem dúvida, várias indústrias implantadas nas últimas décadas na região prendem-se a empresas de caráter governamental como a Fábrica Nacional de Alcalis em Cabo Frio ou a Usina Siderúrgica de Volta Redonda. Mas outras há que se filiam a empresas particulares sediadas na metrópole da Guanabara, seja em estabelecimentos isolados como os estaleiros da Verolme em Angra dos Reis, ou a fábrica de Leite Glória em Itaperuna, seja em centros onde se criaram indústrias diversificadas como no vale médio do Paraíba fluminense.

Nessa análise do revigoramento da atuação de uma metrópole de tipo tradicional sobre sua região de influência direta, verifica-se que nenhuma ou quase nenhuma transformação vem provocando o crescimento metropolitano no sentido de uma renovação agrícola da mesma. Cada vez mais se reduz a participação desse setor da região no abastecimento metropolitano, e, com exceção da expansão das granjas avícolas e dos exemplos esparsos de criação leiteira intensiva, ou de produção hortícola, a influência da proximidade do Grande Rio sobre o meio rural tem sido quase sempre negativa.

2. No âmbito da região do Rio de Janeiro, vem-se observando, paralelamente às transformações acima assinaladas, o revigoramento da atuação das capitais regionais tradicionais e de alguns centros sub-regionais que se situam além da primeira faixa de domínio maior da metrópole, vale dizer, além de uma linha que, a grosso modo, acompanha o vale do Paraíba em território fluminense.

Com efeito, os centros sub-regionais incluídos na faixa de domínio mais intenso da metrópole — Petrópolis, Nova Friburgo e, em plano inferior, Angra dos Reis e Macaé, nenhum progresso realizaram em sua função regional. Também refletem estabilidade, em sua atuação como centros da vida regional, duas cidades que se situam nos limites da área acima definida. São elas Barra Mansa e Campos. Atuando respectivamente no sul de Minas Gerais (alto vale do rio Grande) e no norte fluminense. Essas duas cidades, embora mantenham suas áreas de influência, nenhuma intensificação vêm acusando nas suas relações de caráter regional. Pelo contrário, vêm perdendo terreno face à penetração da ação direta das metrópoles, seja Rio-Niterói, seja São Paulo, no caso do sul de Minas Gerais.

Ao contrário do que ocorre com os centros acima citados, constata-se o revigoramento da função regional de outros centros regionais tradicionais da região do Rio de Janeiro, Vitória e Juiz de Fora, ambos situados a maior distância da metrópole.

No que diz respeito a Vitória, o que se vem constatando resulta fundamentalmente do fato de que ela é uma capital estadual e conta, em seu favor, com os esforços de iniciativa governamental no sentido de aí se constituir um parque industrial, como, igualmente, no sentido de dotá-la de uma infra-estrutura de serviços que dispense o recurso à grande metrópole. Esse revigoramento de Vitória em sua função de capital regional, fundado nas vantagens de uma primazia político-administrativa, encontra apoio igualmente na sua condição de ponto de convergência das vias de circulação do Estado e de terminal da E.F. Vitória—Minas Gerais escoadouro do minério de ferro do Vale do Rio Doce.<sup>5</sup>

Juiz de Fora, ao contrário de Vitória, não goza de favoritismo de capital. Situando-se em território mineiro, quase a meio caminho entre

5 Numerosos são os projetos federais ou estaduais que beneficiaram ou beneficiam Vitória, merecendo destaque o porto de Tubarão para o minério da CVRD, os planos da cidade universitária, a abertura da rodovia Belo Horizonte—Vitória, já em fase adiantada.

o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, a capital estadual sempre manteve dependência direta em relação à metrópole carioca, cuja influência retransmite a sua zona de influência. Esta abrange a conhecida zona da Mata e alguns setores periféricos.

O esforço concentrado do governo mineiro em favor da capital estadual, traduzido em programas rodoviários e outras providências, não chegou a afetar fortemente a atuação de Juiz de Fora como capital regional. Apenas se refletiu em concorrência quanto à prestação de serviços e à distribuição de bens às zonas de São João del Rei e Barbacena, como também à de Ponte Nova. No caso de Ponte Nova, a proximidade de Belo Horizonte, reforçada por estrada pavimentada, que não existe na direção de Juiz de Fora, decidiu por seu afastamento quase total em relação a esta, mas em São João del Rei e Barbacena a situação pende mais em favor de Juiz de Fora.<sup>6</sup>

Em outro setor da zona da Mata é a influência direta do Rio de Janeiro, através da Rio-Bahia, que está solapando a atuação de Juiz de Fora e facilitando o crescimento de centros secundários, particularmente Muriaé.

Contudo, apesar da pequena retração que já se verifica no âmbito de influência da capital da zona da Mata, sua atuação como foco da vida regional vem se acentuando e não decrescendo. Isso se explica, em parte, porque êsse setor da região vem registrando acelerado ritmo de urbanização. Embora nem sempre acompanhada de crescimento da atividade industrial, essa urbanização por si só já é responsável por uma elevação nos padrões de consumo, particularmente nos subcentros regionais da própria zona da Mata e em outros, de áreas vizinhas, o que intensifica as relações com a capital regional.

É verdade que boa parte do abastecimento da zona em questão, em bens oriundos de São Paulo ou Rio, hoje se faz diretamente das fontes produtoras, mas há que registrar, na quase totalidade dos casos, a atuação do revendedor, distribuidor ou representante, com sede em Juiz de Fora, intermediário na transação.<sup>7</sup>

Também para produtos industriais oriundos da zona central de Minas Gerais, Juiz de Fora representa a porta de entrada da zona da Mata: muitos desses produtos sofrem em Juiz de Fora uma segunda transformação, e alcançam a partir daí a zona da Mata e também a zona do Rio Doce e o Nordeste de Minas.

A observação acima nos leva a lembrar a transformação que vem ocorrendo com a indústria local. De centro monoindustrial de caráter nacional essencialmente têxtil, que não encontrava na sua região nem a matéria-prima nem os mercados, Juiz de Fora vem evoluindo para uma ampla diversificação da sua indústria que, agora, se volta para a região: indústrias alimentares, bebidas, calçados, mecânicas, metalúrgicas e outras.

No que concerne aos serviços, vem, igualmente, a cidade mantendo uma primazia incontestável na sua região. Assim, por exemplo, se centros subregionais como Ubá ou Barbacena já possuem faculdades de Filosofia e Letras, Juiz de Fora tem posição ímpar com uma Universidade Federal que conta, inclusive, com escolas de Medicina e Engenharia, o que exprime claramente sua superioridade.

---

6 Confirmada em estudo recente, esta afirmativa se apoia igualmente na maior oferta de lugares em ônibus, partindo dessas duas cidades para Juiz de Fora do que para Belo Horizonte. (SPLAN, Estudo para o desenvolvimento integrado de Juiz de Fora).

7 Esse papel de intermediário no abastecimento regional em bens industriais produzidos fora da região, Juiz de Fora o vem exercendo também com relação à região fluminense do Vale do Paraíba, pois muitas das firmas produtoras preferem deixar a sucursal da metrópole unicamente o abastecimento da própria área metropolitana.

Dessa forma, apesar das modificações que vêm sofrendo os processos de comercialização em consequência da industrialização e da expansão dos transportes rodoviários, e apesar do rápido progresso dos centros secundários da região quanto a seu equipamento terciário, Juiz de Fora age hoje sobre a sua região de forma mais vigorosa, como uma verdadeira capital regional, equipando-se com novos serviços e indústrias que encontram no mercado regional sua grande clientela.<sup>8</sup>

A transformação das capitais regionais tradicionais da região do Rio de Janeiro, Vitória e Juiz de Fora, que de simples intermediários da grande cidade nas relações regionais, passam agora a atuar de forma múltipla, modificando o sentido dessas relações tradicionais e se equipando para outras funções mais complexas e de nível hierárquico superior é um dos aspectos do dinamismo atual da região do Rio de Janeiro. Se tal transformação não acusa ritmo mais acelerado, isso se deve ao imobilismo dos quadros rurais. Tanto o Rio de Janeiro como as capitais regionais citadas e os centros menores enfrentam na organização da vida regional o grave problema do esvaziamento da vida agrícola de toda essa região tradicional, que os impulsos renovadores partidos das cidades ainda não modificaram.

3. Além dessa segunda faixa comandada pelas capitais regionais tradicionais, na área periférica da região de influência do Rio de Janeiro, são ainda mais expressivos o mecanismo de renovação e o dinamismo, ainda que certos setores permaneçam como que à margem desse processo, como é o caso do planalto do Alto Rio Grande.

Essa faixa periférica da região do Rio de Janeiro é, a um tempo, a de mais antiga e mais nova ocupação, pois compreende a zona central de Minas Gerais, foco do ciclo da mineração do ouro, áreas tradicionais de pecuária da bacia do São Francisco, e as áreas de ocupação relativamente recente do vale do Rio Doce e do nordeste do Estado.

A criação nessa área de uma capital para Minas Gerais foi a base de uma nova estruturação do espaço no setor noroeste da grande região de influência do Rio. Tendo por base sua função de capital político-administrativa, Belo Horizonte forjou sua própria região de influência que, da região central de Minas Gerais e da faixa que bordejia o Espinhaço, se expandiu amplamente para o oeste, o norte e o noroeste, e, de modo muito mais limitado, para o sul e para leste, pois aí vinha de encontro à influência maior das metrópoles nacionais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Impulsionada nos últimos quinze anos por forte dinamismo, que se apoiou na expansão dos transportes rodoviários, nos progressos da industrialização no quadrilátero ferrífero e na integração desse centro periférico na vida econômica do Sudeste, Belo Horizonte ganhou uma nova dimensão, de verdadeira metrópole regional, favorecida pelas relações estreitas que mantém com o Rio de Janeiro e São Paulo, as duas metrópoles nacionais.

Outras transformações recentes atestam esse dinamismo da faixa periférica da grande região de influência do Rio de Janeiro, cujos limites, para o norte, são os limites do próprio Sudeste. São decorrência da expansão recente do povoamento nas áreas florestais que haviam permanecido intocadas no nordeste e também norte de Minas. Velhos centros,

---

8 Em estudo realizado pelo Conselho Nacional de Geografia sobre a hierarquia das cidades brasileiras que levou em consideração o equipamento terciário de que dispõem, figura Juiz de Fora como centro regional de 1.ª grandeza, superequipado, juntamente com Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, Pelotas e algumas capitais estaduais. Isso porque contam essas cidades com equipamento de muito superior ao de todos os demais centros de primeira grandeza, igualmente subordinados de modo direto às metrópoles, mas com possibilidades menores de exercer uma atuação poderosa em suas áreas de influência (Roberto Lobato A. Corrêa).

como Montes Claros, renovam-se com a expansão da atividade de engorda em sua tradicional área de influência, ou novos focos de crescimento se expandem, como é o caso de Governador Valadares, para atender às áreas de ocupação recente, onde também a pecuária de corte é a maior fonte da riqueza regional.

A expansão das modernas vias de circulação, as rodovias, é um dos veículos de propagação desse dinamismo, pois é através das facilidades do transporte rodoviário que esses setores periféricos estão sendo integrados na vida regional do Sudeste. A importância do papel desempenhado pela rodovia pavimentada ressalta da comparação entre os dois centros citados, Montes Claros e Governador Valadares. O ritmo de expansão maior de Governador Valadares, cuja atuação regional é guiada pela rodovia Rio—Bahia, é superior ao de Montes Claros, de condição mais periférica e ainda mal servida quanto às modernas vias de circulação. Verifica-se, no entanto, que esses dois centros ainda guardam um caráter periférico, em relação ao Rio de Janeiro e ao Sudeste, e sua atuação ainda se limita quase que essencialmente à distribuição de bens e serviços a uma região de fraco poder de consumo.

Ao lado da permanência desse caráter periférico do setor mais remoto da região do Rio de Janeiro, atestada no tipo de função regional de suas cidades mais importantes, como no tipo de atividade dominante, a pecuária, cumpre salientar, entretanto, a tendência atual para um reforçamento da atuação desses centros e uma diversificação da economia regional, com base, principalmente, na implantação industrial.

Dessa forma, a tradicional região do Rio de Janeiro vem acusando modificações profundas em decorrência do dinamismo que tem por foco o núcleo urbano-industrial do Sudeste, representado pelo binômio Rio-São Paulo. Essas transformações, entretanto, têm se processado com apoio na rede urbana estruturada em decorrência de uma situação passada, cujos reflexos se fazem sentir ainda hoje, revelando a força de permanência que caracteriza a vida urbana em áreas de ocupação tradicional.